

MICHELANGELO
BUONARROTI
—
RIMAS

Itálica

A coleção Itálica da Imprensa Nacional pretende disponibilizar ao grande público a obra de autores italianos clássicos e modernos, estimulando o conhecimento, pelo público português, de nomes incontornáveis do cânone da literatura italiana, pouco editados ou pura e simplesmente esquecidos pelo mercado português.

Itálica

RIMAS

DE

MICHELANGELO BUONARROTI

TRADUÇÃO

JOÃO FERRÃO

APRESENTAÇÃO

NUNO JÚDICE

NO ANO DE

MMXVIII

PARA A COLEÇÃO

Itálica

IMPRENSA NACIONAL

é a marca editorial da **INCM**

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida, 1000-042 Lisboa

www.incm.pt · www.facebook.com/ImprensaNacional

prelo.incm.pt · editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2018, IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Coleção ITÁLICA

Direção literária ANTÓNIO MEGA FERREIRA

Título RIMAS · Autor MICHELANGELO

BUONARROTI · Tradução JOÃO FERRÃO

Revisão IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Direção de arte RÚBEN DIAS e FÁBIO MARTINS

Design e paginação ITEM ZERO

Impressão e acabamentos IMPRENSA

NACIONAL-CASA DA MOEDA

Primeira edição ABRIL 2019

Depósito legal 446330/18 · ISBN 978-972-27-2725-9

Número de edição 1022827

11	Apresentação
17	Introdução
39	<i>Rimas</i>
675	Apêndice

APRESENTAÇÃO

DIÁLOGOS ANTIGOS E ATUAIS

Nuno Júdice

Por vezes conseguimos encontrar um nome para caracterizar toda uma época. Podemos falar do século de Dante do século de Voltaire, do século de Cervantes, entre outros exemplos. Se quisermos encontrar, para o século XVI, um nome que traduza a dimensão do que foi a imensa cultura dessa época tão rica, poderíamos dar-lhe o nome de Miguel Ângelo, o autor do David ou dos frescos da Capela Sistina, e bastariam essas duas obras para definir a grandeza do seu génio. Mas esquecemo-nos, ou simplesmente ignoramos, que para além das obras-primas que surgem em todas as obras de referência, cada criador dessa dimensão tem aspetos que podem ficar memorizados, mas que não são menos importantes para entender a plenitude da sua criação. Sucedeu isso com os sonetos de Shakespeare, que ficaram na sombra do seu teatro; e pode dizer-se que também a poesia de Miguel Ângelo ficou reservada aos poucos que se interessam pelas letras dessa primeira metade de quinhentos.

Também é habitual esquecermo-nos, devido ao que sucedeu quando a França, ou melhor, Paris, a partir da segunda metade do século XVIII, com os iluministas, se tornou o centro do nosso mundo cultural, até meados do século passado quando o mundo anglófono ocupou esse lugar, que foi o Renascimento italiano que mudou o paradigma da nossa literatura, e esteve na origem do nosso classicismo. Nessas primeiras décadas de quinhentos por lá passaram Sá de Miranda e, ao que parece, Bernardim Ribeiro; em Roma, o humanista Ângelo Colocci foi o responsável pela cópia do Cancioneiro galaico-português, atualmente na Biblioteca Nacional, que junta aos poemas existentes igualmente no Cancioneiro da Ajuda muitos poetas que surgiram depois e que, sem a

INTRODUÇÃO

The itch to make dark marks on paper
is shared by many writers and artists.

John Updike

Para a maioria dos leitores, a única associação possível entre Michelangelo e poesia é o refrão em Prufrock. Para os biógrafos, os seus poemas são uma atividade marginal, semelhante aos desenhos de alguns escritores. E para os críticos, os poemas são coisas toscas, muito longe da limpidez e elegância da literatura do *Cinquecento*. Mesmo no século xx, boa parte da crítica italiana (incluindo Benedetto Croce e Natalino Sapegno) viu a sua poesia como um pequeno entretenimento, como se Michelangelo fosse apenas um poeta de domingo. O próprio artista afirmava não ser poeta — «Messer Giorgio, envio-vos dois sonetos; e embora sejam coisas toscas, faço-o para que vejais onde tenho os meus pensamentos», escreveu a um amigo.

Mas Michelangelo também se queixava que não era pintor, incluindo a quem lhe pagava para isso; e ocasionalmente a sua poesia atraiu a atenção de alguns dos principais escritores: Thomas Mann definiu-a como «poesia em estado selvagem»¹ e Wordsworth, Rilke, Longfellow e Emerson foram alguns que o tentaram traduzir. Wordsworth deixou a tarefa a meio, em desespero, mas Rilke chegou a publicar alguns dos seus esforços. Talvez convenha começar esta introdução com a pergunta: até que ponto foi Michelangelo poeta?

A sua relação com a poesia deu-se cedo. Michelangelo Buonarotti (1475-1564) nasceu numa família florentina aristocrática, mas empobrecida. Aos treze anos tornou-se aprendiz de Domenico Ghirlandaio, um dos principais pintores em Florença, onde aprendeu os rudimentos da pintura (tanto afresco como em tela). O seu talento deve ter sido notório, já que dois anos depois Lorenzo de' Medici, conhecido como *O Magnífico*, o levou para sua casa e o educou.

Bibliografia

BUONARROTI, Michelangelo, *Poemas*, trad. N. Moulin, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

BUONARROTI, Michelangelo, *The Complete Poems of Michelangelo*, trad. J. F. NIMS, Chicago: University of Chicago Press, 2000. [Mantive os nomes dos tradutores em caixa alta porque eles são referidos no texto das notas.]

BUONARROTI, Michelangelo, *Rime*, 2.ª ed., a cura di P. ZAJA, Milano: BUR Classici, 2015.

BUONARROTI, Miguel Angel, *Sonetos Completos*, 3.ª ed., trad. L. A. VILLENA, Madrid: Ediciones Cátedra, 2011.

CAUNETO, Leandro, *Tradução e Recepção: A Poesia de Michelangelo Buonarroti lida e Traduzida no Brasil*, Serafino, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em www.revistas.usp.br/serafino/article/download/97805/96596, data de consulta: 19 de agosto de 2017.

GAYFORD, Martin, *Michelangelo: His Epic Life*, s/l: Fig Tree, 2017.

LOURENÇO, Frederico, *Grécia Revisitada*, 3.ª ed., Lisboa: Livros Cotovia, 2006.

MAGNIFICO, Lorenzo, *Il, Poesie, a cura di F. SANGUINETI*, Milano: Fabbri Editori, 2006.

MONTALE, Eugenio, *Opere Complete*, Milano: Mondadori, 1996 (6 vols.).

MOURA, Vasco Graça, *A Divina Comédia de Dante Alighieri*, Lisboa: Bertrand Editora, 2006.

MOURA, Vasco Graça, *As Rimas de Petrarca*, Lisboa: Bertrand Editora, 2008.

POLIZIANO, Angelo, *Poesie Italiane, a cura di S. ORLANDO*, Milano: Fabbri Editori, 2006.

RYAN, Christopher, *The Poetry of Michelangelo: An Introduction*, London: The Athlone Press, 1998.

SASLOW, James M., *The Poetry of Michelangelo: An Annotated Translation*, Binghamton, New York: Yale University, 1991.

SENA, Jorge de, *Poesia de 26 Séculos: De Arquíloco a Nietzsche*, Lisboa: Edições Asa, 2001.

*Molti anni fassi qual felice, in una
brevissima ora si lamenta e dole;
o per famosa o per antica prole
altri s'inlustra, e 'n un momento imbruna.*

*Cosa mobil non è che sotto el sole
non vinca morte e cangi la fortuna.*

Começo de um soneto, escrito ca. 1503-06. No verso encontram-se estudos de um apóstolo (provavelmente São Mateus do Duomo de Florença), uma cena de batalha (provavelmente da Batalha de Cascina) e os fragmentos traduzidos nos fragmentos n.º 7 a 9. O pessimismo sobre o tempo e a fortuna será constante ao longo de toda a obra de Michelangelo.

Muitos anos se passam felizes, numa
brevíssima hora se lamenta e sofre;
e ou por famosa ou antiga prole
outros se ilustram, e num momento se embrumam.

Nada móvel existe que sob o sol
não vença morte e mude a fortuna.

*Ben può talor col mie 'rdente desio
salir la speme e non esser fallace,
ché s'ogni nostro affetto al ciel dispiace,
a che fin fatto arebbe il mondo Iddio?*

*Qual più giusta cagion dell'amart'io
è, che dar gloria a quella eterna pace
onde pende il divin che di te piace,
e c'ogni cor gentil fa casto e pio?*

*Fallace speme ha sol l'amor che muore
con la beltà, c'ogni momento scema,
ond'è soggetta al variar d'un bel viso.*

*Dolce è ben quella in un pudico core,
che per cangiar di scorza o d'ora strema
non manca, e qui caparra il paradiso.*

Bem pode às vezes com meu ardente desejo
subir a esperança e não ser falaz,
que se todo nosso afeto ao céu despraz,
com que fim teria Deus feito o mundo?

Qual mais justa razão para que te ame
há, que glorificar aquela eterna paz
de onde desce o divino que por ti apraz,
e que todo o coração gentil faz casto e pio?

Falaz esperança só tem o amor que morre
com a beleza, que em cada momento se esvai,
pois está sujeita ao mudar de um belo rosto.

Doce é aquela num púdico coração,
que por mudar de pele ou de hora extrema
não falha, e aqui garante o paraíso.



Obra distinguida com
o prémio de Tradução
INCM/Vasco Graça Moura
2017

O Prémio INCM/Vasco Graça Moura foi instituído em 2015, em homenagem ao cidadão, autor, intelectual e antigo administrador da INCM responsável pelo pelouro editorial, para distinguir anualmente obras inéditas de Poesia, Ensaio e Tradução, áreas em que Vasco Graça Moura particularmente se notabilizou.

Com a atribuição deste prémio, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda reforça a missão que lhe cumpre, enquanto editora pública, de promoção e preservação do património da língua e da cultura portuguesas.

